

TRAVESSIAS DA CRÍTICA NA AMÉRICA LATINA

COLÓQUIO INTERNACIONAL

23 de 24 março de 2023
na FFLCH (USP) -
São Paulo (Brasil)



Programação e resumos

Programação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Prédio de Letras
Sala 266

23/03

09:00 - 09:30

Abertura

Paloma Vidal, Claudia Amigo Pino

9h30-11h00

Mesa redonda 1: Críticas latino-americanas: Beatriz Sarlo, Leyla Perrone Moisés

Coordenação: Jorge Wolff

1. Laura Brandini
Barthes e Sarlo: travessias e atravessamentos
2. Claudia Amigo Pino
As múltiplas críticas da crítica de Leyla Perrone-Moisés

Coffee Break

11:30 -13:00

Comunicações 1

Coordenação: Laura Brandini

1. Gabriel Carra
Deslocamentos, história literária e valor em *Altas Literaturas*, de Leyla Perrone-Moisés
2. Pacelli Dias Alves de Sousa
Às voltas com as poses de Sylvia Molloy
3. Danielle Henrique Magalhães
Pronunciar o nome Literatura: a estranheza da latinidade
4. Giovani Tridapalli Kurz
Genética francesa, genética latino-americana

14:30-16:00

Mesa redonda 2: Derrida e os críticos brasileiros

Coordenação: Paloma Vidal

1. Jorge Wolff
Silviano Santiago e o “paredão desconstrutor”

2. Marcos Natali
Derrida lê o 8 de janeiro

Coffee Break

16:30-18:00

Comunicações 2 - 23/03 - 16:30 às 18:00

Coordenação: Gisela Anauate Bergonzoni

1. Gabriel Zupiroli de Almeida
Figurações de um crítico: Ricardo Piglia e a teoria crítica francesa
2. Mariana Diniz Mendes
Alejandra Pizarnik e Ricardo Piglia: leitores de diários
3. Lucas Guastini Loureiro dos Santos
Algumas noções barthesianas em *Los Diarios de Emilio Renzi* de Ricardo Piglia

18:30-19:30

Lançamento de livros

Mario Cámara, Jorge Wolff, Paloma Vidal e Claudia Amigo Pino

24/03

9h30-11h00

Mesa redonda 3: Críticos latino-americanos: Luiz Costa Lima e Raúl Antelo

Coordenação: Claudia Amigo Pino

1. Mario Cámara
Raúl Antelo y sus guiones de extimidad
2. Aline Magalhães Pinto
Sujeito fraturado, ficção e mimesis: sobre a teoria de Luiz Costa Lima

Coffee Break

11:30-13:00

Comunicações 3

Coordenação: Paloma Vidal

1. Katerina Blasques Kaspar
O estar em comum de Cristina Rivera Garza
2. Helena Capriglione Zelic

A poeta invisível: a posição do sujeito em *La bandera de Chile*, de Elvira Hernández, a partir da morte do autor barthesiana

3. Flávia Herédia Miotto
A fenda do gozo: uma leitura de *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), de Hilda Hilst, por meio da obra *O prazer do texto* (1973), de Roland Barthes
4. Lucas Torices Reimao
Escrita e cidade em "La poesia de las paredes", de Cecilia Pavón

14:30-16:00

Comunicações 4

Coordenação: Aline Magalhães Pinto

1. Fúvia Fernandes Pereira
Barthes e Fuks: em busca de uma história (do romance)
2. Fabio Pomponio Saldanha
Você não entendeu nada: performativos e cenas do ensino na Universidade de São Paulo
3. Bruno Domingues Machado
Entre a liberdade crítica de Borges e a política discursiva de Foucault
4. Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa
Para não renunciar a nada: Haroldo de Campos e Jacques Derrida

Coffee Break

16:30-18:00

Mesa redonda 4: Escritores e escritoras críticas

Coordenação: Marcos Natali

1. Natalie Lima
Duchamp na América Latina, outra vez: um percurso por Antelo, Bolaño e Bellatin
2. Paloma Vidal
"Ojo": usos de Barthes em Glantz

18:15 - 19:15

Palestra de encerramento: Usos da desconstrução no Brasil: etnocentrismo e diferença colonial

Max Hidalgo Nácher

Coordenação: Claudia Amigo Pino

Resumos - Mesas redondas

Mesa redonda

Críticas latino-americanas: Beatriz Sarlo, Leyla Perrone-Moisés

Barthes e Sarlo: travessias e atravessamentos

*Laura Brandini
(Universidade Estadual de Londrina)*

Os escritos de Roland Barthes tiveram e continuam tendo um papel fundamental no pensamento de muitos intelectuais e escritores ao redor do mundo, como são prova suas traduções em numerosos idiomas, bem como tantos eventos para discussão de suas ideias, realizados periodicamente em diferentes países. Na América Latina não tem sido diferente. Na Argentina, uma de suas primeiras leitoras foi a escritora e crítica Beatriz Sarlo, que desde os anos de 1960 escreve sobre Barthes e “com” Barthes, ou seja, desenvolve seu pensamento sobre a literatura e a cultura argentinas tendo o escritor como uma de suas referências. Nesse sentido, *A Cidade vista. Mercadorias e cultura urbana* (2009), de Sarlo, apresenta-se como uma errância da escritora por Buenos Aires onde o incidente, noção central na concepção de escritura barthesiana, impõe-se sem dizer seu nome e possibilita a co-presença de uma cidade “vista” com uma “cidade escrita”. As travessias e os atravessamentos de Barthes nessa obra de Sarlo são objeto desta apresentação.

As múltiplas críticas da crítica de Leyla Perrone-Moisés

*Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)*

Esta apresentação tem como objetivo discutir a origem e o desenvolvimento da reflexão de Leyla Perrone-Moisés sobre a crítica literária, especialmente nos seus textos publicados em jornais. Diferentemente dos livros, frutos de pesquisa e reflexão, os artigos permitem vislumbrar reações espontâneas, como, por exemplo, os comentários na sua primeira resenha do livro *O livro por vir*, de 1960, na qual afirma estar diante de um crítico “que pensa os problemas a uma altitude muito superior à que estamos habituados”, dando a entender

uma visão limitada da crítica praticada ou lida no Brasil. Essas críticas veladas à crítica brasileira também são visíveis nos seus primeiros textos sobre Barthes, no início dos anos 70, e inclusive em artigos mais recentes, nos anos 90 e nos anos 2000, em que polemiza também com os estudos culturais, mas sempre de maneira lateral, como se o discurso polêmico irrompesse por acidente em sua escrita. Assim, pretendemos, além de mostrar a abrangência e a evolução dos críticos que foram objetos explícitos das resenhas críticas de Leyla Perrone-Moisés dos anos 60 a aos anos 2000, dar a ver os objetos implícitos em sua escrita.

Mesa redonda

Derrida e os críticos brasileiros

Silviano Santiago e o “paredão desconstrutor”

Jorge Wolff
(Universidade Federal de Santa Catarina)

Esta intervenção aborda os primeiros e últimos ensaios de crítica desconstrutiva exercitados por Silviano Santiago, de modo mais geral e, mais especificamente, no ensaio *Carlos Drummond de Andrade* (1976), e no ensaio *Genealogia da ferocidade*, dedicado ao *Grande sertão: veredas*. O primeiro aparece no mesmo ano do *Glossário de Derrida*, trabalho coletivo realizado na pós-graduação da PUC-Rio, supervisionado por Santiago. O segundo ensaio é o largo prefácio à versão hispânica do romance de Guimarães Rosa, que acabou publicado num volume só pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) em 2017, sucedido por outro ensaio (também publicado pela Cepe em 2020), *Fisiologia da Composição*, a que igualmente recorreremos. Há no entanto um abismo entre o Carlos Drummond de Andrade e a *Genealogia da ferocidade* e não apenas de ordem temporal: seus usos da teoria desconstrutiva se modificam intensamente, como não poderia deixar de ser, passados quarenta anos. Como essas apropriações se dão num caso e noutro é o que pretendo apresentar a seguir.

Derrida lê o 8 de janeiro

Marcos Natali
(Universidade de São Paulo)

Ao longo de um exercício especulativo que imagina como Derrida analisaria o 8 de janeiro brasileiro, o trabalho revisita o modo como o termo “desconstrução” e, às vezes, de modo ainda mais impreciso,

“pós-estruturalismo”, “pós-modernismo”, “identitarismo”, etc., foram mobilizados recentemente no Brasil em tentativas de explicar mudanças na noção de verdade, o desmoronamento do espaço público e do sistema de especialistas, a profanação destrutiva da tradição e da arte e o crescimento da tendência à interpretação paranoica do mundo, revisitando no percurso tanto a noção derridiana de instituições contrainstitucionais quanto a pergunta sobre a temporalidade da desconstrução, em particular a suposta relação entre sua teologia política e o desejo messiânico pelo fim do mundo.

Mesa redonda

Críticos latino-americanos: Luiz Costa Lima e Raúl Antelo

Raúl Antelo y sus guiones de extimidad

*Mario Cámara
(Universidad de Buenos Aires)*

El propósito de mi trabajo consiste en pensar el lugar intersticial que ocupa la crítica de Raúl Antelo en el marco de lo “argentino-brasileño” y de lo latinoamericano. Me interesa pensar los modos en que Antelo desarma los conceptos de “modernidades periféricas” o “modernidades subalternas” para proponer un latinoamericanismo acefálico y excéntrico que rechaza las nociones de centrismo o eurocentrismo. Desde perspectiva quisiera recuperar una serie tránsitos y trayectorias que va recuperando en sucesivos ensayos, Marcel Duchamp en Buenos Aires, Giuseppe Ungeretti en San Pablo, Alfred Metraux en Tucumán y Mendoza, entre otros, pues allí Antelo busca repensar las políticas de recepción en sentido único por una trama infinita de encuentros y afinidades entre Europa y América Latina.

La figura de Raúl Antelo, su trayectoria académica, su papel en la formación de toda una generación de jóvenes críticos es difícilmente subestimable. Por otra parte, su producción crítica, sus más de veinte libros, la originalidad de su perspectiva, su sitio anfibio entre Brasil y Argentina, su capacidad de construir redes, lo ubican como uno de los intelectuales más importantes de la región. Sus aportes, por lo tanto, requieren ser estudiados a efectos de contribuir a su difusión. Considero, asimismo, que mi abordaje resulta original porque toma en consideración los flujos críticos entre Europa y Sudamérica en la crítica de Antelo, algo que ha sido poco estudiado.

Sujeito fraturado, ficção e mimesis: sobre a teoria de Luiz Costa Lima

Aline Magalhães Pinto
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Para Luiz Costa Lima, crítico e teórico da literatura brasileiro, o ciclo do argumento fortemente marcado pelo estruturalismo se encerra quando o autor abre para si, a partir da publicação de *Mimesis e modernidade* (1980), o horizonte de uma problemática ao redor do questionamento da estética que busca realçar a dimensão dos sistemas simbólicos como elemento intermediário entre discurso ficcional e sociedade. Não obstante, a reflexão que desenvolve acerca de dois objetos completamente estranhos ao pensamento pós-estruturalismo francês – o controle do imaginário e a mimesis, pode ser pensada como inserida no âmbito de ressonância deste pensamento pelo fato de que esta tematização dá lugar, como o pensamento de Deleuze, de Foucault, de Derrida, de Lacan, de Lyotard, a uma crítica do princípio de subjetividade moderno, ao conceito moderno de história e ao conceito de representação. Estas reflexões teóricas participam da mesma atmosfera intelectual e, nesse sentido, com o pensamento pós-estruturalista, LCL compartilha não apenas fontes, temas e problemas, mas também certa “finalidade última”: uma crítica da modernidade. Por este viés, buscaremos explorar algumas proximidades e distâncias entre o que foi desenvolvido pelo autor brasileiro e teoria francesa da segunda metade do século XX.

Mesa redonda

Escritores e escritoras críticas

Duchamp na América Latina, outra vez: um percurso por Antelo, Bolaño e Bellatin

Natalie Lima
(Universidade Federal Fluminense)

Em *Maria com Marcel – Duchamp nos trópicos* (2010), Raúl Antelo realiza o que chama de “política do anacronismo”: articula ideias, personagens e procedimentos que transitam entre continentes no início do século XX; faz emergir um heterogêneo arquivo ficcional latino-americano em que *ready-mades*, bem como o “tríptico” *Nu descendo a escada*, *O grande vidro* e *Étant donnés* funcionam como motores críticos para pensar a arte, a política e a literatura na América Latina. A partir de Antelo, trago dois escritores contemporâneos que operam procedimentos e questões duchampianas: Roberto Bolaño e sua apropriação do *Ready-made infeliz* de Duchamp, em 2666, e Mario Bellatin na ficção *El gran vidrio – Três autobiografias*. Ao articularem os jogos de Duchamp em torno do (in)visível, ambos apontam para o

revolucionário em sua arte – uma operação que não é retiniana, plástica, mas crítica e filosófica; operação que faz da crítica uma criação. Nesse gesto, ele mesmo crítico, conferem historicidade às invenções do artista francês quando vistas desde a América Latina contemporânea, bem como às suas próprias ficções.

“Ojo”: usos de Barthes em Glantz

Paloma Vidal
(Universidade Federal de São Paulo)

Recentemente, tive a oportunidade de folhear e fotografar alguns exemplares de obras de Roland Barthes pertencentes à biblioteca da escritora mexicana Margo Glantz, quem frequentemente cita o escritor e crítico francês em seus textos, tanto de ficção quanto ensaísticos. Esta apresentação cruza algumas observações em relação à marginália presente nesses exemplares - em especial de *A câmara clara* e *A preparação do romance* -, em que se nota a atenção com que certos textos barthesianos foram lidos, com os usos que a autora faz deles, sobretudo em relação à presença do corpo no que ela escreve. É essa presença, justamente, que se enfatiza na reunião mais recente de seus ensaios: *Cuerpo contra cuerpo* (2020), editado e prologado por Ana Negri. Em seu prólogo, a organizadora explica que sua ideia inicial não era fazer todo o volume girar em torno do corpo, mas que foi se dando conta de que os textos de Glantz, de diferentes modos, orbitavam em torno dele. Seus usos de Barthes estão muito relacionados à liberdade que a autora encontra na sua escrita, para olhar a partir de um detalhe, como um fragmento corporal: o coração, a mão, o rosto, a pele, as lágrimas... Interessam-me esses olhares cruzados, em que o corpo visto assim questiona uma ordem de saberes que não deixa de perpetuar suas exclusões.

Palestra de encerramento

Usos da desconstrução no Brasil: etnocentrismo e diferença colonial

Max Hidalgo
(Universidad de Barcelona)

A desconstrução tem sido objeto de um olhar fecundo e plural no Brasil. Esta intervenção se centrará sobre alguns aspectos destacáveis do pensamento derrideano no Brasil, mostrando em que sentido algumas das “jetées” teóricas desse pensamento fazem emergir questões ligadas ao etnocentrismo e à diferença colonial. A invenção de noções como “entre-lugar” (Silviano Santiago), “transcrição” e “nacionalismo modal” (Haroldo de Campos), “diferença” (Viveiros de Castro) ou “literatura

pensante” e “pensamento vegetal” (Evando Nascimento) supõem intervenções específicas que mobilizam a herança da desconstrução, levando-a além dela mesma, a partir de seu uso criativo e não reverencial.

Resumos das Comunicações

Entre a liberdade crítica de Borges e a política discursiva de Foucault

Bruno Domingues Machado
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O comentário a livros imaginários na obra de Jorge Luis Borges remaneja desníveis entre crítica e objeto: a crítica inventa a existência do objeto de que trata no ato de se referir a ele. Assim, ela reproduz uma dinâmica que Alexius Meinong havia enxergado para as proposições: a de, se referindo a alguma coisa, admitir a existência daquilo a que se refere; inclusive quando se trata de algo inexistente. Décadas depois, Michel Foucault vincula o nascimento de seu livro *As palavras e as coisas*, em que pratica um amplo remanejamento no domínio discursivo, a um texto de Borges sobre uma enciclopédia inventada, na qual recortes da realidade heterogêneos são instanciados juntos sem mediação. Nosso objetivo é mostrar: a) como os remanejamentos de Foucault no domínio discursivo efetuam, borgeamente, um pequeno “jardim dos caminhos que se bifurcam”, o que levaria a crítica a situar a obra diante de gêneros discursivos os mais afastados dela; b) que a obra nesses caminhos reclamaria a condição de um existente-inexistente, de forma não muito distinta dos livros imaginários de Borges; c) que assim a crítica passaria a tratar de realidades possíveis, e do que isso implica para uma dada sociedade.

Pronunciar o nome Literatura: a estranheza da latinidade

Danielle Magalhães
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A literatura já foi atribuída ao século XIX, à cultura ocidental, à Europa, à ficção, à escrita, ao livro como suporte, às categorias dos gêneros literários e a outros parâmetros. Tudo isso indica que a literatura jamais se deixou apreender em uma essência. Dentro de tal compreensão, a “estranheza” foi, desde Chklovski e do formalismo russo até Derrida, uma das caracterizações de literatura. Em *Demorar*, o filósofo franco-magrebino diz que “literatura” é um nome e que ele pertence a uma língua: “Literatura é uma palavra latina”. Mas esse pertencimento é

problematizado, uma vez que essa filiação latina emigra, viaja, se traduz, se exporta e se subverte na vizinhança das fronteiras. Se é necessário levar em conta a latinidade nessa “estranha instituição”, a pergunta que Derrida nos move a fazer é “existe alguma coisa não europeia nessa estranha instituição chamada literatura?”. A partir dessa movimentação conceitual, podemos observar que, para os formalistas e herdeiros do formalismo, o “estranhamento” como modalizador para pensar a literatura ainda esteve a serviço de uma autonomia. Todavia, com as recentes noções de “heteronomia”, de Florencia Garramuño e, mais radicalmente, de “pós-autonomia”, de Josefina Ludmer, a estranheza, afinada a Derrida, se passa por uma latinidade que não assegura uma autonomia. Nosso objetivo, portanto, é pensar como o vínculo entre literatura e latinidade, em Derrida e em Ludmer, relê e transforma o paradigma europeu colonial de literatura, em que a latinidade, como operador de leitura, ao contrário de atestar uma autonomia, não dá senão testemunho de uma não-pertença.

Você não entendeu nada: *performativos* e cenas do ensino na Universidade de São Paulo

*Fabio Pomponio Saldanha
(Universidade de São Paulo)*

A fala tenta demonstrar como teorias surgidas nos anos 1960 e 1990 foram recebidas na USP. Tendo como foco a desconstrução (mais especificamente o nome próprio Jacques Derrida), teorias feministas e pós-coloniais (traduzidas pelo guarda-chuva Estudos Culturais), tenta-se construir, a partir de 4 textos produzidos pela academia uspiana, o quadro de rejeição observado através da exclusão da diferença. O foco se torna o papel da instituição enquanto aquela que ensina o/a aluno/a a reproduzir uma forma genérica de leitura em volta dessas teorias, ao se notar que o que passa a ser ali reproduzido é uma repetição da repetição advinda de outras leituras de leituras, na medida em que o que se busca fazer é impedir algo já em em curso: a chegada de tais teorias dentro da academia. A partir de textos de Paulo Arantes e Leyla Perrone-Moisés, investiga-se qual face/imagem a respeito da desconstrução e dos Estudos Culturais se formou na USP e qual é o papel do humor e do professor dentro de tais cenas de ensino, quando se pensa tanto o humor quanto a ameaça como ferramentas de dominação, ora sim, ora não, implícitas.

A fenda do gozo: uma leitura de *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), de Hilda Hilst, por meio da obra *O prazer do texto* (1973), de Roland Barthes.

Flávia Herédia Miotto
(Universidade de São Paulo)

Leyla Perrone-Moisés, um dos grandes nomes em se tratando da difusão da obra barthesiana no Brasil, menciona que a tarefa que Barthes sempre atribuiu à literatura era a de “inteligibilidade da realidade e de sua interpretação” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 48), já que a interrogação desta não é “Qual é o sentido do mundo?”, e sim “Eis o mundo: existe sentido nele?” (BARTHES, 1964, p. 160 apud PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 48). Assim como Barthes, Hilda Hilst, em sua vasta e profunda produção literária, parece ter perseguido a dúvida como herança dos grandes escritores: se interroga sobre a morte, a loucura, o desejo. No entanto, embora tenha sido considerada por Leo Gilson Ribeiro (por suas produções iniciais) como “a mais perfeita escritora viva em língua portuguesa” (RIBEIRO [s.d.] apud WERNECK, 2014, p. 247), ou por Sergio Milliet como “uma escritora que tão delicadamente é capaz de exprimir as coisas mais simples e mais essenciais” (MILLIET [s.d.] apud WERNECK, 2014, p. 247), além de ter tido sua dramaturgia reconhecida por Anatol Rosenfeld, não desfrutou do reconhecimento merecido em vida (sendo ainda mal interpretada por muitos desses mesmos críticos em relação às suas obras dos anos 1990). Acusado de impostor em vários momentos e contextos (para a academia, faltava-lhe rigor acadêmico; para a mídia, faltava-lhe simplicidade, era considerado hermético demais), Barthes, por sua vez, também teve motivos para se decepcionar com a recepção de alguns de seus textos. Atualmente, se estivessem vivos, poderiam desfrutar do enorme alcance de suas obras, já que estas comovem e afetam pesquisadores e estudiosos de diversas áreas do saber, comprovando o caráter plural e polissêmico da escrita de cada um deles. Em um mundo repleto de certezas, ideologias fixas, onde a dúvida não é bem-vinda, Barthes e Hilst apontam para um deslocamento necessário. Na esteira desse crescente interesse, o intuito principal da comunicação em questão é a de propor uma leitura barthesiana de *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990) com a hipótese de que este pode ser lido enquanto um texto de gozo (noção barthesiana presente em *O prazer do texto*, de 1973), já que produz uma fenda, uma ruptura, uma transgressão em relação à ordem social.. Esta comunicação, portanto, em consonância com o congresso em questão “Travessias da crítica na América Latina” tem a intenção de explorar os ecos dos textos barthesianos nas obras literárias latino-americanas e em suas recepções, contribuindo com os estudos de Barthes e Hilst no Brasil, revisitando seus textos e suscitando novas (e plurais leituras) em torno dessas produções.

Barthes e Fuks: em busca de uma história (do romance)

*Fúvia Fernandes Pereira
(Universidade Estadual Paulista)*

Em *O grau zero da escrita*, de 1953, Roland Barthes esboça sua introdução à história das formas literárias modernas. Com o objetivo de assinalar a ligação entre a história profunda e a história formal e recusando as tradicionais categorias literárias, Barthes lança o objeto literário em uma realidade com espessura, assumindo a história como condição da escrita literária, mas sem convocá-la como método. Julián Fuks, diante da impossibilidade de escrever uma história do romance, vai buscar saídas para percorrer a confluência de ideias em torno da noção de romance e de sua escrita. Em *Romance: História de uma ideia*, publicado em 2021, Fuks dá voz a alguns romancistas e comenta os momentos em que os próprios escritores abordam o que o romance era ou deveria ser. Tendo como ponto de partida a circulação da crítica barthesiana no texto de Fuks, pretendemos evidenciar como esses dois escritores buscaram, pela via da escritura do romance ou da profusão de ideias em torno desse “gênero” variado e multifacetado, assumir uma história (formal ou abstrata) na qual o romance se inscreve.

Deslocamentos, história literária e valor em *Altas Literaturas*, de Leyla Perrone-Moisés

*Gabriel Carra
(Universidade de São Paulo)*

Em seu livro *Altas Literaturas*, Leyla Perrone-Moisés propõe um projeto que denomina de poundiano. Contudo, tanto pela metodologia quanto pelos pontos de reflexão, o trabalho também poderia ser chamado barthesiano: escrevendo uma história literária a partir de histórias literárias particulares (i. e., das leituras) de escritores-críticos modernos, a autora recupera valores adotados por eles e reflete sobre sua situação (manutenções e descartes) no fim do milênio passado, e as consequências para a literatura. Ela trabalha realizando deslocamentos: das noções de história, de valor e de como a pós-modernidade é compreendida. Esta apresentação visa avaliar como esses movimentos, passadas duas décadas e meia de sua publicação, ainda nos deslocam das maneiras habituais com que tratamos, em nosso currículo de Letras da USP, os pontos por ela abordados. Viso apresentar, portanto, como fui deslocado por seu texto.

Figurações de um crítico: Ricardo Piglia e a teoria crítica francesa

*Gabriel Zupiroli
(Universidade Estadual de Campinas)*

O presente trabalho procura investigar certa figuração de Ricardo Piglia como crítico literário em uma intersecção entre dois campos de sua escrita: tanto sua participação como editor no periódico *Los Libros* (1969-1976), quanto as entradas diarísticas de sua obra *Los diarios de Emilio Renzi* (2015-2017), com especial enfoque no primeiro volume, *Años de formación*. A produção crítica e teórica do autor nesses dois veículos aparece sob uma forte linha de influência que ressoa seu repertório de juventude: a teoria crítica francesa, que contamina a produção argentina dos anos 60 e 70. Tanto através de análises e resenhas publicados no periódico, quanto em entradas específicas do diário, é possível observar a figuração de um autor-crítico que percorre os períodos de formação de Piglia. Nessas produções, cuja influência literária abrange Roland Barthes e outros autores do “telquelismo”, nos interessa justamente localizar tal figuração e analisar como esta dialoga diretamente com as distintas heranças francesas de sua época, tanto no campo da teoria e crítica literária, quanto no das posições políticas que se transportam para dentro do texto.

Genética francesa, genética latino-americana

Giovani T. Kurz

(Universidade de São Paulo - Université Paris 8)

Qualquer estudo que tenha em seu centro a história da crítica genética retomará, invariavelmente, o Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM), fundado em 1982, em Paris. Sabe-se hoje, contudo, que há uma série de desenvolvimentos concorrentes, perspectivas críticas e teóricas que se originam e se desenvolvem algures — por meio de outras gêneses ou por meio de contaminações. O objetivo desta apresentação é destacar os pontos de partida de uma investigação que sistematiza a crítica da criação em âmbito latino-americano, levando em conta a mesma necessidade de recuo que um olhar à genética francesa exige. Busca-se pensar aqui em um desenvolvimento local da crítica genética a partir da circulação da teoria, enfatizando suas particularidades e distanciamentos de um cânone europeu. Extraí-se, do cotejo entre centros, a percepção de que existe há décadas a consciência do confronto entre enraizamentos teóricos de diferentes tradições, e a partir disso torna-se possível cotejar as produções teóricas não-europeias sobre a genética com o cânone francês, de modo a se destacar as diferenças epistemológicas que regem tanto o ímpeto criativo quanto o gesto crítico em cada um dos contextos e suas mútuas contaminações.

A poeta invisível: a posição do sujeito em *La bandera de Chile*, de Elvira Hernández, a partir da morte do autor barthesiano

Helena Capriglione Zelic
(Universidade Estadual de Campinas)

O artigo propõe uma aproximação entre a ética e os procedimentos de escrita da poeta chilena Elvira Hernández (1951-) e a perspectiva do crítico francês Roland Barthes (1915-1980) sobre a posição do autor, descrita no ensaio "A morte do autor", publicado na obra *O rumor da língua*. Para isso, foram analisados três poemas da obra *La bandera de Chile* (1991) em relação à construção do sujeito na obra. Um diálogo entre Barthes e Hernández é elaborado, ancorado em entrevistas e textos críticos da poeta, nos quais ela defende a prioridade da palavra em detrimento do autor. O artigo também traça um breve panorama da circulação de Barthes no Chile ditatorial, mapeando relações entre poetas, professores e críticos, bem como textos em que mencionam o pensamento barthesiano, e propondo uma leitura sobre suas consequências estético-políticas no contexto autoritário e censório do período.

O estar em comum de Cristina Rivera Garza

Katerina Blasques Kaspar
(Universidade de São Paulo)

Esta apresentação se trata de uma aproximação inicial ao trabalho crítico de Cristina Rivera Garza, escritora e professora mexicana estabelecida nos Estados Unidos desde os anos 1990. Ela é responsável pela proposição e direção do programa de pós-graduação em Escrita Criativa, vinculado ao Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade de Houston. Praticando o que tem sido chamado por escrita documental, em que o interesse em dar a ver os documentos de investigação supera a discussão sobre a tensão entre ficcional e não-ficcional, algumas de suas obras mais conhecidas são *Habia mucha neblina o humo o no sé qué* (2016), sobre o escritor mexicano Juan Rulfo; *Nadie me verá llorar* (1999) e *La Castañeda* (2010), respectivamente um romance e um relato histórico sobre um hospital psiquiátrico no México, tema de sua tese de doutorado; e *Andamos perras, andamos diabras* (2021), reedição de seu primeiro livro de contos, *La guerra no importa* (1991), em que discute a temática do feminicídio. Sua obra ficcional mais recente, *El invencible verano de Liliana* (2021), adentra e dá a ver os documentos de investigação sobre o feminicídio de sua irmã mais nova. Sua obra é escrita majoritariamente em espanhol e aborda questões relacionadas ao contexto mexicano, sendo marcada por contos, trabalhos investigativos, poesia, romances e ensaios críticos. Para a ocasião desta exposição, estaremos interessados por sua publicação ensaística *Los muertos indóciles. Necroescrituras y desapropiación* (2019), na qual a escritora defende as noções de "necroescritas" e de "desapropiação" e em que articula uma variedade de noções advindas do campo intelectual francês, os deslocando para seu próprio contexto crítico-literário. Nosso foco estará sobretudo direcionado aos três primeiros capítulos da obra, nos quais a autora atualiza para seu campo de discussão noções como por exemplo

“a morte do autor” (Roland Barthes), “a função autor” (Michel Foucault) e “a comunidade inoperada” (Jean-Luc Nancy). Buscaremos mostrar como Rivera Garza estabelece este contato e como ele é produtivo para seu pensamento crítico.

Algumas noções barthesianas em *Los Diarios de Emilio Renzi* de Ricardo Piglia

Lucas Guastini Loureiro dos Santos
(Universidade de São Paulo)

O objetivo dessa comunicação é investigar a circulação das ideias de Roland Barthes em *Los Diarios* de Emilio Renzi do escritor argentino Ricardo Piglia. Ao longo dos três volumes dos diários, Ricardo Piglia mobiliza uma constelação de obras e autores, sendo Barthes um dos escritores citados. Explorando a frequência das citações e seu conteúdo, podemos vislumbrar alguns aspectos da presença das noções críticas barthesianas e como elas foram lidas e compreendidas por Piglia. O movimento de aproximação ou distanciamento de Piglia em relação a obra barthesiana fornece pistas do movimento da crítica argentina em relação as ideias francesas que circulavam no período. Pode-se, assim, estabelecer relações entre as citações a Barthes nessa obra de Piglia e a circulação das noções barthesianas na crítica literária argentina, buscando entender como essa crítica foi transformada por essas noções. Sendo assim, essa comunicação procura entender de que maneira algumas das reflexões de Piglia se relacionam com as ideias de Barthes funcionando como exemplo das possibilidades transformadoras da crítica hispano-americana.

Escrita e cidade em *La poesía de las paredes*, de Cecilia Pavón

Lucas Torices Reimão
(Universidade Federal de São Paulo)

O presente trabalho busca dois objetivos: reconhecer o sentido mais preciso das fronteiras que constituem a ideia de uma literatura em campo expandido, ou como também encontramos em Florencia Garramuño, de uma “literatura fora de si” a partir das observações decorrentes de um texto de Cecilia Pavón intitulado “La poesía de las paredes” que, de modo bastante singular, consegue ilustrar questões fundamentais para a compreensão do desenvolvimento de uma literatura que escorra para fora de si, sobretudo por força de sua personagem principal: uma poeta que escreve seus versos nas paredes da cidade, inevitavelmente, de modo transgressor. Também utilizaremos o livro *A Cidade Vista*, de Beatriz Sarlo para pensarmos na prática da artista frente a esse suporte textual potencialmente hostil. O segundo objetivo é

pensar no campo epistemológico oferecido pelas artes performativas para avaliar em que medida a postura subversiva da escritora-pichadora contribui para a construção final do sentido que seus versos pretendem passar. Em suma: analisaremos o texto sem nos apartarmos de seus possíveis valores semióticos.

Alejandra Pizarnik e Ricardo Piglia: leitores de diários

*Mariana Diniz Mendes
(Universidade de São Paulo)*

Se por um lado, a tarefa de manter um diário envolve uma escrita ordinária, ao alcance de qualquer um, por outro, ela impõe desafios. Nem todos que escrevem aceitam se submeter ao pacto com o calendário, ou “demônio”, como sugere Maurice Blanchot (2013, p. 270). Além disso, a propensão a começar um diário e logo largá-lo parece algo corriqueiro, como confessa Roland Barthes (2004, p. 445) impulsionado por uma “vontade leviana” a começar e a recomeçar um diário diversas vezes. A presente comunicação pretende mostrar como Alejandra Pizarnik e Ricardo Piglia, escritores fiéis à prática diarística, leem e comentam diários de outros escritores em suas entradas e estabelecem com os mesmos autores — Franz Kafka, Charles Baudelaire, Cesare Pavese, Virginia Woolf, Katherine Mansfield, André Gide e Soren Kierkegaard — uma rede de referência crítica para a composição e reescritura de suas obras diarísticas.

Para não renunciar a nada: Haroldo de Campos e Jacques Derrida

*Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa
(Universidade Estadual de Campinas)*

O presente trabalho procura examinar a relação que o pensamento de Haroldo de Campos estabelece com a obra de Jacques Derrida. Se, por um lado, pode-se falar em “antecipação”, levando em conta o fato de que a poesia concreta reivindicava já nos anos cinquenta aspectos importantes daquilo que Derrida desenvolveria mais tarde (especialmente no que diz respeito à crítica à clausura linear do pensamento ocidental, convocando nomes como os de Fenollosa e Mallarmé), por outro, é notável uma inflexão no trabalho crítico e teórico do poeta brasileiro a partir do contato com as formulações do autor de “Gramatologia”. Em ensaios como “Da razão antropofágica” (1980) e “O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira” (1989), Haroldo de Campos pretende se afastar de perspectivas substancialistas ou de percursos que pressupõem uma parússia, optando por uma reflexão que privilegia a transformação, a diferença e o palimpsesto. Nesse sentido, consciente da dimensão polêmica e do alcance dessa questão no interior da vida cultural brasileira, a discussão busca esboçar notas iniciais para identificar certo movimento próprio do pensamento haroldiano.

Às voltas com as poses de Sylvia Molloy

*Pacelli Dias Alves de Sousa
(Universidade de São Paulo)*

Esta comunicação tem como objetivo apresentar resultado de reflexão e investigação sobre a categoria de pose para Sylvia Molloy, tendo em vista as suas modulações ao longo de sua obra, e sua formulação em contato com as leituras da escritora e crítica argentina particularmente de certa zona de filosofia e crítica que se constituía à época (e em alguns casos veio a ser lida posteriormente) como queer. Proponho uma leitura da pose que perpassa seus textos de criação e de crítica, levando em consideração no último caso as variações significantes de publicação dos textos ao longo dos anos 90 antes da publicação como livro em língua espanhola (“Poses de fin de siglo: desbordes de género en la modernidad”). Com isso, defendo que há três zonas da pose em sua obra: por um lado, a pose como ação cotidiana significativa, especialmente em seus textos literários; ainda, a ideia de política da pose, desde um olhar que tensiona os cruzamentos entre a literatura e os questionamentos de sexualidade e gênero; e, finalmente, a epistemologia da pose, como salto interpretativo para se compreender o próprio processo de elaboração da pose como problematização, como gesto diferenciado e objeto de reflexão do conhecimento. Nesse processo, interessa perceber as leituras de Molloy particularmente da

Câmara clara, de Roland Barthes, dos volumes que conformam a História da sexualidade, de Michel Foucault e particularmente da obra de Eve Kosofsky Sedgwick: *Between Men* (1985) e *Epistemology of the closet* (1990).